

A perda de duas figuras importantes da Matemática: José Morgado e Paulo Abrantes

*Recentemente a comunidade matemática portuguesa sofreu a perda de duas ilustres figuras:
José Morgado, Sócio Honorário da Sociedade Portuguesa de Matemática, falecido em 8 de Outubro e
Paulo Abrantes, falecido em 14 de Julho.*

*Os dois deixaram trabalhos e ideias que merecem ser estudados.
A Gazeta de Matemática apresenta neste número alguns testemunhos
sobre a vida e obra dos nossos colegas desaparecidos.*



José Morgado (1921-2003)



Paulo Abrantes (1953-2003)

José Morgado (1921-2003)

O Doutor José Morgado foi um dos matemáticos portugueses mais marcantes da época em que viveu. E tê-lo-ia sido mais se lhe tivessem permitido viver em Portugal tanto quanto ele queria. Foi uma figura da chamada década de 40, muito empenhado politicamente na luta pela democracia. Sofreu as consequências. Foi preso e perseguido e teve de deixar Portugal, vivendo e ensinando durante décadas no Brasil. Regressou em 1974 e, desde então, foi professor na Universidade do Porto. Nasceu em Pegarinhos, Alijó, em 17 de Fevereiro de 1921 e faleceu no Porto no passado dia 8 de Outubro. Licenciou-se na Universidade do Porto em 1944. Depois de ter sido demitido de assistente do Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, tornou-se, em 1960, professor da Universidade Federal de Pernambuco no Brasil. Em 1974 foi nomeado Professor Catedrático do Departamento de Matemática Pura da Universidade do Porto e jubizou-se em 1991.

Era Sócio Honorário da Sociedade Portuguesa de Matemática. Com efeito em Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Matemática, em Julho de 2000, foi aprovada a seguinte moção, apresentada, conforme os Estatutos, pelo Conselho Geral:

“O Professor José Morgado é um homem da geração de 40 que desempenhou um papel muito activo em prol da Matemática em Portugal. Desde sempre ligado à Sociedade Portuguesa de Matemática, foi Segundo Secretário da Direcção no biénio 1947/48. Teve um papel muito importante na Gazeta de Matemática, colaborando na redacção a partir de 1946 e desempenhando os cargos de Redactor Principal (1948-1950), Redactor Adjunto (1951-53) e, for-

mando a partir de 1953, com J. Gaspar Teixeira e J. Silva Paulo a redacção da Gazeta de Matemática.

O Professor José Morgado é um brilhante e apaixonado expositor, tendo tido enorme influência na formação matemática de sucessivas gerações, nomeadamente no Brasil onde passou muitos anos da sua vida. Depois de 1974 pôde regressar a Portugal e tornou-se Professor Catedrático da Universidade do Porto, mantendo nesta cidade, mesmo depois de jubizado, larga actividade no campo da Matemática, tanto na investigação como no ensino.

O Professor José Morgado colaborou sempre em várias actividades da Sociedade Portuguesa de Matemática, sendo de citar a sua actuação rápida e eficiente como avaliador de artigos submetidos para publicação à Portugaliae Mathematica e ao Boletim da Sociedade Portuguesa de Matemática.

É autor de largas dezenas de trabalhos de Matemática entre monografias, artigos de investigação, de divulgação e exposição. Estes trabalhos repartem-se pelas áreas da Teoria dos Reticulados e Estruturas Ordenadas, Teoria dos Grupos, Teoria dos Números e História da Matemática. Alguns dos seus artigos deram origem a trabalhos de outros matemáticos.

Anexa-se o seu curriculum, provavelmente incompleto.

Tendo estes factos em conta, o Conselho Geral da Sociedade Portuguesa de Matemática propõe à Assembleia Geral, nos termos do Artigo 2 do Regulamento Interno, a nomeação do Professor José Morgado como Sócio Honorário da Sociedade Portuguesa de Matemática.”

Desde que ouvi o nome de José Morgado até me encontrar com ele mediam alguns anos. Devo ter ouvido pela

primeira vez o nome, se não me falha a memória, quando andava no primeiro ano da Faculdade. Ouvi falar dele e de que estaria, ou teria estado, na cadeia e que, como eu, estudava Matemática. Pouco depois caiu-me nas mãos uma obra de José Morgado intitulada *Reticulados*. Não sabia o que era um reticulado e foi nesse livro que vi, pela primeira vez, a definição e as primeiras propriedades. Nesse livro travei conhecimento com o axioma da escolha que me surpreendeu e deu muito que pensar... Nunca mais esqueci estes factos... Numa época em que a investigação era quase desconhecida em Portugal, fiquei a admirar José Morgado para sempre. Disseram-me que o livro tinha sido escrito na cadeia. Custou-me a acreditar. Na época para mim era tão difícil perceber um Teorema e compreender a sua demonstração (não só na época, ainda hoje...) que não concebia facilmente que se pudesse escrever um livro na condição de preso sem ter à disposição vastos elementos de consulta!

O nosso primeiro encontro teve lugar na cidade francesa de Nice durante o Congresso Internacional de Matemática de 1970.

O Doutor José Morgado viveu grande parte da vida numa época em que os matemáticos ainda não eram unidimensionais. Os seus interesses eram vastos, empenhando-se em questões de ordem política e de cidadania. Na Matemática cedo os seus interesses se dirigiram para a Álgebra. Deixou-nos um grande número de artigos dispersos por várias revistas de Matemática bem como artigos de carácter histórico, nomeadamente monografias em que procurava explicar os acontecimentos no mundo da Matemática nas décadas de 30 e 40 do século XX.

A Sociedade Portuguesa de Matemática e as suas publicações, em particular a Gazeta de Matemática, foram sempre objecto do seu interesse e dedicação.

Voltei a conviver com ele, em 1971, no Recife onde fui seu colega, e do saudoso Ruy Luís Gomes, na Universidade Federal de Pernambuco.

Depois foi 1974 e o regresso. Desde então vimo-nos muitas e diversas vezes nas nossas andanças matemáticas. Com saudade o recordeo.

Graciano de Oliveira



Antes de conhecer pessoalmente o Prof. José Morgado, já este me causara imensa impressão e admiração, as quais não esmoreceram ao longo dos muitos anos de encontros e raros convívios de curta duração. Ainda estudante da licenciatura em Matemática nos anos sessenta, em Lisboa, adquiri, não me lembro onde, quando nem porquê, o livrinho *Reticulados* de José Morgado. Para quem, como eu, cresceu e viveu os anos intensos da adolescência na ditadura salazarista, participou nas lutas académicas e enfrentou os fantasmas reais e pesadelos da guerra colonial, um livrinho de matemática, sobre um assunto moderno pouco ou nada divulgado em Portugal, escrito na prisão, constituía o supremo exemplo de desafio intelectual à opressão política, superioridade moral e generosidade. Ironia sem par — José Morgado retribuía o encarceramento dando ao seu país um pouco mais de si. A partir daí, fui dolorosamente descobrindo como e porquê toda uma geração de homens e mulheres de craveira superior foi perseguida e

impedida de contribuir para o progresso das ciências e a formação de jovens cientistas no nosso país.

O outro intenso momento que desejo aqui recordar, neste breve testemunho pessoal, teve lugar durante o ano lectivo 1990/91, quando José Morgado regeu a primeira parte (cerca de dois terços — a outra parte foi regida pelo Prof. Nuno Costa Pereira) de um curso de Teoria dos Números no Instituto Superior Técnico, e eu orientei as aulas teórico-práticas daquela parte. Ainda me lembro do entusiasmo transbordante e do ritmo alucinante que José Morgado imprimia às suas aulas, e dos suores frios que sentia ao tentar acompanhá-lo nas aulas de problemas. Aprendi muita coisa, nessa altura, e comecei a escrever o curso. Ainda não acabei, estou em falta com o Mestre.

José Morgado serviu os ideais humanistas que abraçou com elevação e sentido de dádiva. E ele tinha muito para dar.

A. J. Franco de Oliveira, Universidade de Évora

O Prof. José Morgado trabalhou na Universidade Federal de Pernambuco durante 14 anos (1960-1974), tendo contribuído de forma decisiva para a consolidação das atividades matemáticas no Recife. O seu esforço para melhorar a qualidade do acervo da biblioteca, na iniciação científica de jovens, na criação do curso de mestrado e como editor de coleção de textos de Matemática, foi

inestimável e sempre será lembrado. A sua personalidade e capacidade de convencimento como professor serão sempre admiradas.

Fernando Cardoso,
Professor da Universidade Federal de Pernambuco,
Recife, Brasil.

Evocação de José Morgado

Tendo recebido da GAZETA DE MATEMÁTICA o grato convite para participar num número dedicado à memória de José Morgado, tornou-se para mim uma obrigação registar alguns dos momentos que vivemos em comum, solidariamente num vasto ideário - que às vezes tenho a impressão que se vai desvanecendo progressivamente.

Vários laços me ligavam a José Morgado, tanto no sentido geral, como no concreto. No primeiro, sobressai o gosto pela Matemática e a sua disseminação activa, associada a uma decisiva acção social, em proveito de todos os homens e mulheres deste país. Simultaneamente, há que salientar o amor por uma integral e generalizada cidadania, numa concepção pela qual optou muito cedo e à qual se manteve totalmente fiel. Tal nos mobilizou, embora por modalidades diversas, na luta anti-fascista, em particular, anti-salazarista.

Os primeiros contactos pessoais e profissionais datam do final da sua licenciatura, creio que em 1943, tendo ele começado em seguida a colaborar no Centro de Estudos Matemáticos do Porto, anexo à Faculdade de Ciências do Porto, nos Seminários de Análise Geral, que aí estavam sendo promovidos pela Junta de Investigação Matemática (J.I.M.), fundada por António Aniceto Monteiro, Ruy Luis Gomes e Aureliano de Mira Fernandes. Nesse âmbito, redigiu em 1944 os dois primeiros Cadernos de Álgebra Moderna, sob a direcção de António de Almeida Costa.

Pouco tempo depois deslocou-se para Lisboa, a convite de Manuel Zaluar Nunes, que o contratou como assistente do Instituto Superior de Agronomia, da Universidade Técnica de Lisboa.

Os nossos contactos rareavam, mas apraz-me mencionar que esta ligação de José Morgado com A. Almeida Costa

permaneceu com simpatia até ao fim da vida deste último, como pude constatar já depois do regresso de José Morgado do Brasil após o 25 de Abril de 1974 - apesar das suas profundas divergências políticas.

Contrariamente ao que pensavam os seguidores da PIDE/DGS, sempre houve no Centro de Estudos Matemáticos do Porto, dirigido por Ruy Luis Gomes, uma grande tolerância ideológica e política; bastará recordar que foram colaboradores, ou receberam apoio científico, membros da Legião Portuguesa de então, nomeadamente A. Almeida Costa (Álgebra Moderna), Manuel Pereira de Barros (Astronomia). Após tantos anos de mentiras seria bom que houvesse historiadores interessados em clarificar o que significava verdadeiramente este surto de investigação científica "dos anos 40" do século XX, que foi esmagado em Portugal pela intriga, a insídia, a ignorância e o "medo da Ciência", com a maior das leviandades.

Gosto de pensar que José Morgado e A. Almeida Costa tinham efectivamente um traço de carácter em comum: aquela propensão a uma actividade perseverante, um trabalho continuado, que numa frase digna de registo Almeida Costa proferiu na sua lição de jubilação, apontando em síntese, como lema da sua vida, tal como um camponês: "*meter o arado à terra e lavrar*"... Frase singular numa hora daquelas, para mim inesquecível. José Morgado era dessa mesma têmpera.

Outros falarão com mais propriedade e documentação acerca da sua valiosa actividade na Direcção da Gazeta de Matemática. Ambos tínhamos feito parte da última direcção eleita da Sociedade Portuguesa de Matemática, para o biénio 1947-1948.

Não posso deixar de lamentar a sua estrita reserva,

quando em 1976, e anos seguintes, alguns de nós quisemos relançar de novo uma Sociedade Portuguesa de Matemática que estava fazendo falta a este país, já que aquela que fora fundada em 1940 estava totalmente inoperante e dela havia, quando muito, uma vaga recordação. Tratava-se, como foi dito, de renovar o interesse por essa iniciativa, propondo abertamente os objectivos e modalidades de intervenção, na senda do que se fizera anteriormente e que ficara imobilizado durante um quarto de século.

Creio que mais tarde ele acabou por se convencer.

Sobre o nosso encontro no Brasil em 1960, creio ser oportuno reproduzir as palavras que li no *Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática* sobre o tema "A contribuição de Matemáticos Portugueses para o desenvolvimento da Matemática no Brasil", de 23 a 26 de Março de 1997 em São Paulo - onde José Morgado esteve igualmente presente:

«No decorrer de 1957, recebi pelo correio um livro intitulado *Recticulados, vol. 1 (Conceitos Fundamentais)*, com uma dedicatória e uma data: *Para o Alfredo Pereira Gomes, em renovação da nossa camaradagem no Centro de Estudos Matemáticos do Porto, ofereço com um grande abraço - José Morgado - Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, 3/5/57.*

Li-o com a atenção que só por si a dedicatória impunha e pensei que se o autor tinha levado a cabo esta obra na prisão, ele seria capaz de fazer melhor ainda se enquadrado devidamente numa instituição de ensino e pesquisa.

Por minha conta e risco tomei a iniciativa de convidar José Morgado para vir ensinar na Universidade Federal de Pernambuco. Da parte da Universidade de Pernambuco não encontrei senão facilidades, mas a qualidade de militante político activo, na oposição ao regime de Salazar, tornou as coisas morosas e difíceis do lado português. Recordo-me de que, em dado momento, escrevi uma carta pedindo cooperação ao Cônsul do Brasil no Porto. E quando enfim, no início de 1960, se anunciou a vinda de José Morgado para o Recife, produziu-se um acontecimento insólito:

Fui chamado ao Consulado de Portugal e o Cônsul pretendia que eu assinasse um compromisso "de que o Sr. Dr. José Morgado não viria fazer política no Recife". Respondi-lhe prazenteiramente: "Oh, Sr. Cônsul, eu nem a meu respeito assinaria um compromisso desses!... Mas

peço-lhe que me diga, sinceramente, se durante estes sete anos a minha actuação e a do Professor Zaluar Nunes melhoraram ou pioraram a imagem de Portugal no Brasil". Ele acabou por concordar que era preferível arriscar...

No ano de 1961 convidei para fazer um curso no Recife os nossos amigos Hugo Baptista Ribeiro e Maria do Pilar Ribeiro. Também então o casal José Morgado teve oportunidade de quebrar a solidão do Recife e há fotografias que mostram a grande cordialidade desse convívio. Chegou no ano seguinte Ruy Luis Gomes e José Morgado instalou-o no bloco de apartamentos em que habitava com a família, muito próximo da sede do Instituto de Física e Matemática. Entretanto recebi um convite de professor visitante para a Faculdade de Ciências de Nancy (então sede do grupo "Bourbaki"), por iniciativa de J. Delsarte e de outros notórios matemáticos. Os meus contactos com José Morgado tornaram-se esporádicos e os dois anos do convite, por efeito do golpe militar de 31 de Março de 1964 no Brasil, prolongaram-se por nove, até receber um convite para uma cátedra em Lisboa. Mas o contacto manteve-se por correspondência, via Ruy Luis Gomes, até ao regresso deles após a instauração da democracia em Portugal. Este foi eleito Reitor da Universidade do Porto.

Tenho razões para pensar que foi da maior valia o papel de José Morgado junto de Ruy Luis Gomes nesta função. Mas a sua integração no quadro da Universidade não foi fácil: em 16/03/1977 escreve-me Ruy Luis Gomes uma carta de que me permito transcrever duas passagens essenciais: "*Escrevo-lhe muito preocupado com o andamento do processo de confirmação do Morgado. Calcule que o último despacho do Ministério a um requerimento do Morgado é no sentido de ouvir a Procuradoria Geral da República sobre a legalidade da primeira nomeação por convite (...).*"

"*Como tudo isto se arrasta há mais de quatro anos, lembrei-me de lhe escrever para tentarmos um movimento de apoio dos matemáticos de Lisboa, Coimbra e Porto.*"

Enfim, sabemos que os obstáculos foram vencidos.

E os matemáticos portugueses, por intermédio da Sociedade Portuguesa de Matemática, homologaram depois essa vitória, elegendo-o Sócio Honorário desta Sociedade.

A. Pereira Gomes,

Professor Aposentado da Universidade de Lisboa

José Morgado, recordações de uma vida

Conheci José Morgado em Lisboa, quando participava num seminário de Matemática que se realizava diariamente numa sala da Secção de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Esta sala tinha sido cedida por umas horas diárias, pelo então director da Faculdade, a António Monteiro. Este, recentemente regressado de Paris, após o seu doutoramento na Sorbonne. Sem uma posição oficial e querendo continuar com os seus matemáticos, aí reunia estudantes e licenciados em Matemática, alguns bolseiros do então Instituto para a Alta Cultura. Não sei se Morgado seria também bolseiro.

Com a partida para Zurich de Hugo Baptista Ribeiro como bolseiro e de outros bolseiros para Itália, o seminário em breve se desmantelou. Aniceto Monteiro foi para o Porto e aí trabalhou num Centro de Matemática dirigido pelo professor Ruy Luís Gomes. Em breve Monteiro teve de partir para o Brasil.

De regresso a Portugal em 1946, Hugo Ribeiro quis reatar o seminário de Monteiro. Sem sala de aula na Faculdade reunia numa casa no Murtal, S. Pedro do Estoril, um grupo de interessados em Matemática. Desse grupo fazia parte, além do próprio Hugo Ribeiro, José Morgado, Zaluar Nunes, Pereira Gomes, Silva Paulo e Benvindo Reis.

Em Junho de 1947 numa edição do Notícias de domingo, dava-se conhecimento dum grupo de professores universitários demitidos pelo então actual governo. Por este motivo, A. Pereira Gomes, Zaluar Nunes e Morgado em breve partiam para o Recife, Brasil, onde tinham obtido posições na Universidade. Eu e Hugo Ribeiro, que não tinha conseguido nenhuma posição oficial, partimos para os Estados Unidos da América, onde Hugo tinha uma posição de leitor na Universidade da Califórnia em Berkeley.



José Morgado, Maria Helena Morgado,
Maria Pilar Ribeiro e Hugo Ribeiro

O contacto com Morgado dava-se, desde então, por correspondência até que por volta de 1958-59 Hugo Ribeiro recebeu um convite de Pereira Gomes para ir dar umas lições na Universidade do Recife, por um período de 2 meses.

O nosso contacto directo com Morgado e família foi então reatado.

José Morgado permaneceu no Recife até ao 25 de Abril de 1974, data em que regressou a Portugal, e a convite do professor Ruy Luís Gomes, então reitor da Universidade do

Porto começou a sua carreira profissional em Portugal como professor na Faculdade de Ciências na secção de Matemática.

Nós regressámos, Hugo Ribeiro em Outubro de 1975, também convidado pelo professor Ruy Luís Gomes, como professor convidado e eu em Dezembro de 1975 como assistente convidada.

Depois da morte do Professor Ruy Luís Gomes, José Morgado, então Vice-Reitor, foi nomeado interinamente reitor da

universidade.

Ainda durante a nossa estadia na Universidade do Porto, dados os seus trabalhos publicados, foi nomeado professor catedrático, cargo em que se manteve até à sua reforma.

Não se concluiu aqui a sua ligação à Faculdade, pois que mesmo depois de reformado continuou a dirigir e a orientar estudantes em vários colóquios. Sempre que havia algum acontecimento matemático em Lisboa, Morgado não deixava de comparecer e participar. Faltou à reinauguração da Gazeta de Matemática, por motivo de doença.

Já não voltei a vê-lo. Perdi um amigo, trabalhador incansável e de quem sinto imensas saudades.

Maria Pilar B. Ribeiro

O texto que se segue é uma conferência proferida pelo Professor Aron Simis, Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco e membro da Academia Brasileira de Ciências, aquando de uma homenagem a José Morgado e Alfredo Pereira Gomes, no Recife, em 1996. Teve lugar no auditório do Centro de Ciências Exatas e da Natureza e

contou com a presença do Reitor da Universidade. Reproduzimo-lo hoje tal como foi lido em 1996, pois é um testemunho importante do trabalho de Morgado no Brasil. Que aliás não foi o único português a desenvolver trabalho notável no Brasil ou noutros países. Perdemos muito com a ausência forçada destes homens.

Homenagem a José Morgado

Por Aron Simis

1. O contexto em Recife

Para compreender o impacto exercido pela presença da escola portuguesa em Recife — Pereira Gomes, José Morgado e os saudosos Zaluar Nunes e Ruy Luis Gomes — é preciso, antes de qualquer coisa, levantar o contexto em volta: a cidade do Recife na década de 50. Mas, que pena! Não sou a pessoa mais indicada para fazê-lo, existindo nessa audiência gente muito mais expedita. De qualquer modo, 40 anos não são suficientes para apagar inteiramente minha memória daqueles tempos — porque não dizer? — heróicos. Assim sendo, rebuscarei uma ou duas reminiscências.

Se aceitamos que a história não se processa de modo insipidamente contínuo, antes se caracteriza por uma sucessão estocástica de eventos contínuos e caóticos, então é fácil entender a marca deixada pelos acontecimentos da década: a derrota da seleção brasileira no Mundial de 1950, no Maracanã, que marcou o fim da nossa fase lúdica de competições mundiais, fez nascer a noção de que pertencíamos a um contexto mais complexo e que seria preciso, doravante, uma competência diferente; o suicídio de Vargas, que, ao menos simbolicamente, assinalou a agonia do romantismo político e da era do caudilhismo latino-americano (seção Brasil), fenômeno magistralmente descrito por Miguel Ángel Asturias em "El señor presidente"; a queda de Moncada, que representou para a América Latina a força do marxismo revolucionário romântico, reabilitando-nos da sensação de fracasso que foi a presença de Trostsky no México e tornando-nos, de um dia para outro, manchete internacional de periodistas e escritores famosos; a presença ostensiva da espionagem militar norte-americana mal disfarçada — que, no Recife, era representada pelo pouco saudoso *Ponto IV* — filtrando a ameaça da doutrina Monroe, mais tarde efetivada, embora de forma neo-clássica, em 31 de Março de 1964.

Entrementes, éramos avassalados por uma torrente de produtos e inovações, desde a televisão e a coca-cola até os primeiros carros nacionais. Uma fase relativamente democrática, com Kubitschek, partidos políticos com ideologia delineada, uma UNE combativa e respeitada, uma

liberdade editorial quase completa que nos permitia o contacto com um largo espectro de obras publicadas em Espanha, França, México e União Soviética, variando de uma literatura refinada a folhetins de baixa qualidade das mais diversas cores políticas.

É difícil imaginar que algum jovem, nessa época, pudesse ser indiferente aos eventos de marcada feição ideológica, senão notadamente maniqueísta. Nos colégios secundários, a vindicação ideológica despertava cedo e sentia-se um clima de acirrado antagonismo entre os de índole "mascate", da nascente classe média de Recife, e os de linhagem terratenente, esses de ascendência pseudo-senhorial (se é que se pode usar tal termo).

Em meio a esta efervescência, prestei exame vestibular ao Curso de Matemática, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Recife, que ocupava um prédio na charmosa Rua Nunes Machado.

Havia um exame escrito e outro, oral. Àquela época, eu devorava toda a literatura europeia clássica, sem menosprezar os autores russos e americanos. Gostava de escrever poesia e outras bobagens da idade e era um incorrigível rato de dicionários. O que quero dizer, enfim, é que me considerava infinitamente mais bem preparado em humanidades do que em exatas, para usar a terminologia das agências de fomento à ciência. Pois bem, para minha surpresa, recebi uma péssima nota na prova de português, preparada por um certo professor do antigo Ginásio Pernambucano (Eládio Ramos? - o Fernando deve lembrar), que exigia análise lógica, léxica ou sintática, sei lá!, por meio de um diagrama de feição astrológica, misterioso e assustador, que ele ensinava (mas, ninguém aprendia, depois soube!) no Pernambucano — e eu, que azar!, havia estudado todo meu ginásio em outros colégios...

Nas provas de Matemática e Física, pelo contrário, saí-me bem, tendo ouvido, na minha vez da prova oral, rasgados elogios de Roberto Ramalho e Jônio Lemos (insignificante evento que os mesmos, e com razão, já devem ter apagado da sua memória — por favor, se estiverem na audiência, ratifiquem). A razão dos elogios era muito simples: a de ter sido eu o único candidato que sabia a definição correta de derivada!

Para que rebuscar estas reminiscências desinteressantes para a maioria da audiência? O propósito é o de explicar o

contexto da época, a terrível força da desinformação científica, em meio a uma pretensa cultura local “detachée” dos cânones corretos que se impunham, havia tempo, no campo das ciências exatas.

Um contexto de uma grande massa desinformada, com pontos isolados de treinamento científico semi-amadorístico.

Em meio a esta deliciosa mistura sub-equatorial de pretensão e desinformação, aportou um time português de excelência.

2. José Morgado, o professor

José Morgado foi meu professor de Cálculo I, no primeiro ano do Curso de Matemática. Se bem lembro, a disciplina de Cálculo I era dada em dois semestres, continuamente, sem uma divisão artificial (tal como se faz hoje na ementa da graduação). O Prof. Morgado começou com a construção dos sistemas numéricos, marcando sua primeira aula com os axiomas de Peano. Os de matemática, aqui presentes, podem imaginar a estranheza que causou (a mim, e por “maioria de razão” – expressão que aprendi com o professor – aos colegas de sala) aquela lista de 4 ou 5 decretos (axiomas) se interpondo entre nós e a tão esperada torrente de limites e derivadas que ninguém sabia calcular!

Mas, o respeito que a personalidade do professor impunha e a sua capacidade de convencimento eram tão fortes que, mesmo revolucionários e cultos como nos julgávamos na época, decidimos dar um voto de confiança àquela estranha ideologia nova de axiomas científicos. Ao cabo do primeiro semestre, aprendemos a construir os números inteiros dos naturais, os racionais daqueles e, enfim, aquele mistério quase evaporável da passagem dos racionais aos reais, usando quer fosse a teoria dos cortes de Dedekind ou a técnica de supremos e ínfimos. O grande climax, com a caracterização dos reais como constituindo o único corpo, a menos de isomorfismos, completo, arquimedeano, etc.

A maioria, hoje, não gosta, não sabe ou não tem tempo de ensinar este edifício maravilhoso da bossa axiomática da matemática. É bem possível que eu não possa me excluir de pertencer a uma dessas categorias. Mas, tive o incomensurável prazer de ser exposto, em tenra idade, à

forma correta de pensar os números. Alguns colegas, com menos fibra, abandonaram a arena, aterrorizados que ficaram em calcular com os velhos números, tão familiares antes, agora tão traiçoeiros... Outros dentre nós, seguiram confiantes no timoneiro - e, creio, para não se arrepender. (Interregno: muitos anos decorreram para que eu lesse a obra de Dedekind, numa reedição da Dover, em que ele expõe sua teoria dos cortes. Lembro da inefável sensação do “déja-vu” nos mínimos detalhes!).

A recompensa por ter entendido os conjuntos numéricos veio rápida, num ritmo totalmente absorvente: o contacto com o antigo Instituto de Matemática, quando esse ainda funcionava numa sala do prédio da Escola de Engenharia, à Rua do Hospício; a exposição a seminários em tópicos de matemática extra-curricular; a constatação de que outros alunos mais avançados ou bolsistas se preparavam para tornar-se matemáticos profissionais, alguns deles já prestes a embarcar para o exterior em programa de doutorado. Um mundo nunca antes imaginado descortinava-se diante dos meus olhos semi-incrédulos.

Nos anos seguintes, aprendi outras coisas, de Álgebra Linear a Geometria Diferencial e Variáveis Complexas. Tive ótimos professores, além do José Morgado, entre os quais o saudoso Ruy Luis Gomes, Manfredo do Carmo e Fernando Cardoso. Estilos diferentes, de cada um absorvi a melhor quintessência. José Morgado, dentre todos, foi quem mais me impressionou, seja pela constância de sua determinação férrea, com uma saúde atormentada pelo nosso ar de umidade permanentemente saturada, seja pela sua preocupação em instilar em nós, alunos, o “veneno” precoce da manipulação de teoremas. Creio que, de todos, foi o que mais entendeu o significado da iniciação científica, no mais exato dos seus sentidos: o estímulo a remexer no dado científico, como se toca um animal desconhecido e mal-adormecido, sem saber como vai reagir.

Ainda havia disciplinas ultrapassadas no currículo, tal como Geometria Descritiva e Mecânica Racional, mas o futuro apontava claramente na nova direção. E esta direção, apesar de ser indicada também por alguns brasileiros competentes, estava indissolivelmente ligada à pontificação portuguesa em Recife. E diga-se em alto som: era um time, mas não uma corporação! Sua preocupação permanente era de uma didática excelente aliada ao esforço na formação de recursos humanos.

Induziam, sem qualquer egoísmo, a formação de recursos humanos em centros de excelência europeus e norte-americanos. Jamais retiveram contingentes de alunos enrodilhados à sua sombra, sempre deixaram bem claro que Recife não era, ainda, um centro de pesquisa apesar de sua presença. Esta, como eles colocavam candidamente, tinha apenas como objetivo provocar-nos a tornar Recife, com nossas próprias mãos, um centro de excelência em Matemática e Física.

Gostaria de dizer que esta lição de desprendimento científico foi, enfim, após tantas décadas, aprendida por nós, brasileiros, matemáticos ou físicos. Mas, infelizmente...

3. José Morgado, o pesquisador

José Morgado, o professor infatigável. E o pesquisador? Já mencionei sua qualidade de desafiar os teoremas existentes, remexendo hipóteses, testando condições modificadas. Atenção! Isto não deve ser confundido com a fútil atitude da generalização gratuita e desinteressante de conceitos, da qual, fatalmente seguem-se em cascata os mesmos resultados com uma parafernália diferente. Ah, não! José Morgado sabia procurar uma essência melhor. Além disso, pressentia a mudança dos ventos, quando se fazia necessário velejar com velas a todo mastro. Quando os reticulados perderam interesse, soube esquecê-los, sem se agarrar como naufrago; quando a teoria geral dos grupos encontrou seu equilíbrio natural ao longo das suas várias ramificações, soube dar-lhe adeus; quando a teoria geral de semigrupos, grupóides, monóides, etc. cedeu lugar aos desafios da classificação concreta, percebeu claramente; quando a teoria geral dos anéis, fulgurante no início do século, principiou a declinar em favor das álgebras de tipo finito e dos anéis locais, sorriu como um adolescente deleitado ao saber que eu enveredara pela Álgebra Comutativa, disciplina mais estratégica.

Hoje, vejo que nada mudou em sua personalidade. Recentemente, tem trabalhado em tópicos da clássica Teoria dos Números, na fronteira dessa com a Combinatória. Em uma sucessão de belos resultados sobre subsequências de números de Fibonacci e de certas expressões com estas sequências que fornecem quadrados perfeitos, continua a

exibir o mesmo vigor de outrora, quando tínhamos uma convivência mais próxima. Sua produção científica segue sendo limpa, precisa e irretocável, na melhor tradição dos clássicos europeus.

4. José Morgado, o ser humano

O Professor Ruy Gomes foi um dos maiores humanistas que conhecemos naquela época. Seu fervor ilimitado pela causa do homem, como ser social, era e será sempre admirado por todos dentre nós que conheceram sua ação humana e política. Era um líder do socialismo humanista, mas nunca precisou dizê-lo explicitamente: seus atos falavam por si mesmo.

Antes de aprender a ver isto com meus próprios olhos, já o havia percebido através do Professor Morgado. Não havia uma só ocasião, qualquer que fosse sua natureza, em que ele perdesse a oportunidade de valorizar a personalidade do Prof. Gomes. Apesar de, já naquela época, ser matematicamente mais produtivo e eficaz do que o saudoso mestre, fosse pela diferença de idade, fosse pela diferença de estilo, Morgado sempre buscava o conselho daquele, inclusive em questões de conteúdo matemático, o qual respeitava e fazia-nos respeitar. Sempre solidário com as causas do mestre, deixou que poucos percebessem o seu próprio lado de humanista e de incansável batalhador pela igualdade de oportunidades do homem.

Em 1976, tive uma das experiências mais enternecedoras da minha vida, quando visitei Portugal. Haviam se passado 2 anos após a Revolução dos Cravos, a qual proporcionara aos dois, José Morgado e Ruy Gomes, ao lado de tantos outros seus compatriotas, retornar a Portugal para concretizar o sonho de tantos anos de exílio. Naqueles dias de tanto sol e sonho, Portugal ardia em febre como um adolescente (daquela época...) em sua primeira noite. Os dois, incansáveis, mostrando-me a beleza singular da terra, a simpatia do seu povo e a extensão de sua "intelligentzia". Os planos de desenvolvimento da ciência, que deveria servir ao cidadão diretamente e não às oligarquias ou corporações. Era um belíssimo sonho, que me convenceu imediatamente, apesar do ceticismo nutrido no Brasil durante todos aqueles anos de autocracia militar.